

Revista Mídia e Cotidiano  
Artigo Seção Temática  
Número 8. Março 2016  
Submetido em: 08/02/2016  
Aprovado em: 07/03/2016

## JORNALISMO FEITO DE NOTÍCIAS VELHAS: O uso da memória jornalística na produção de conteúdo novo

*OLD NEWS-MADE JOURNALISM: The journalistic memory use as new content*

Lucia SANTA CRUZ<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo discute como projetos de memória jornalística utilizam o passado para produzir novos conteúdos de natureza jornalística. Inicialmente, aborda-se a relação entre jornalismo e passado como estratégia narrativa. Em seguida, são descritos três projetos memorialísticos de veículos de comunicação brasileiros. Na sequência, se discute o referencial teórico dos estudos de memória, e se faz a análise de uma das iniciativas, o Acervo Estadão. Tais projetos funcionam como lugares de memória, na concepção de Pierre Nora, mas também ressaltam a visão de Pollak, segundo a qual a memória coletiva é feita de camadas de recordação e de esquecimento.

**Palavras-chave:** Memória; Memória jornalística; Lugares de memória.

**Abstract:** *This article discusses how journalistic memory projects use the past to generate new journalistic content. First, it presents the relation between journalism and past as a narrative strategie. Then, three memorialistic projects from Brazilian media are described. Folowing, we discusse the Memory Studies framework and we analyse one of those initiatives, Acervo Estadão. Those projects function like lieux de mémoire (memory sites), according to Pierre Nora, but also stress Pollak's conception, according to whom collective memory is made of remembrance and forgetfulness.*

**Keywords:** *Memory; Journalistic memory, Memory sites.*

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Economia Criativa da ESPM Rio. Doutora em Comunicação e Cultura (UFRJ). Pesquisadora do Centro de Altos Estudos da ESPM (CAEPM) e dos seguintes Grupos de Pesquisa: Coordenação Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos da UFRJ (CIEC-UFRJ); Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação Organizacional da UNB e do Núcleo de Pesquisas da ESPM/Rio. Email: lucia.santacruz@espm.br.

## Introdução

A emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais é um fenômeno identificado pelo crítico e professor de literatura Andreas Huyssen. Caracterizado por uma volta ao passado, este movimento vai se contrapor com a crença exacerbada no futuro, que caracterizou as primeiras décadas da modernidade do século XX. As evidências estão no surgimento e na valorização de uma cultura da memória, que concentra um número cada vez maior de passados num presente simultâneo e sempre mais atemporal: modas retrô, móveis retrô autênticos, museologização da vida cotidiana através de câmeras filmadoras, Facebook e outras mídias sociais, reencontros saudosistas de músicos de rock mais velhos etc.

Para Huyssen, a ascensão da “cultura da memória” a partir dos anos 1980 é gerada por diversos fatores, incluindo eventos políticos como o fim das ditaduras na América Latina, a queda do muro de Berlim, o colapso da União Soviética e o fim do apartheid. Huyssen destaca também o crescente foco cultural nas políticas de identidade e nos estudos sobre minorias, embora considere que a maior parte do “culto à memória” é fruto do naufrágio do imaginário de utopias futuras. Ele tratou do tema em seu livro *Seduzidos pela memória*, de 2000, e 14 anos mais tarde, na publicação *Culturas do passado-presente*, identifica uma intensificação desta valorização, com o enfoque sobre a memória sendo energizado subliminarmente pelo desejo de nos ancorar em um mundo caracterizado por uma crescente instabilidade do tempo e pelo fraturamento do espaço vivido (HUYSSSEN, 2014).

A ascensão da cultura da memória se expressa, ainda, em uma política da memória (BERGER, 2009), cujos objetivos são não deixar esquecer e lembrar para que não volte a acontecer. Esta política se materializa em ações como a constituição de comissões da verdade<sup>2</sup>, buscando entender o que aconteceu no passado recente de países sob ditadura militar.

---

<sup>2</sup> Não se pretende diminuir a importância das Comissões da Verdade, instaladas em países como Brasil, Argentina e Uruguai, vítimas de ditaduras marcadas por alto grau de repressão civil, nem tão pouco reduzi-las a meras expressões da cultura da memória. Mas chamar a atenção para o fato de as condições político-sociais que permitiram o surgimento destes mecanismos se dão também numa conjuntura de valorização da memória. “Nas últimas décadas, a história se aproximou da memória e aprendeu a interrogá-la; a expansão das 'histórias orais' e das micro-histórias é suficiente para provar que este tipo de

Mais recentemente, a expansão da cultura da memória encontra eco nas empresas, que se apoiam na memória para construir uma identidade institucional como um ferramental de relacionamento com seus públicos de interesse.

Na prática, os projetos de resgate e registro da história de empresas e a formação de Centros de Documentação e Memória ou Serviços de Informação têm sido muito importantes na elaboração dos mais variados programas de planejamento, englobando desde a comunicação empresarial, marketing e recursos humanos até a pesquisa e desenvolvimento tecnológico. (TOTINI, s.d.)

O movimento também pode ser notado em veículos jornalísticos, que iniciam processos de coleta e armazenamento de sua própria história, a partir do final do século XX, e que mais notadamente a partir dos anos 2000 passam a produzir novos conteúdos utilizando este repositório e a disponibilizá-los na internet.

Este artigo apresenta parte dos resultados de pesquisa apoiada pelo Centro de Altos Estudos da ESPM (CAEPM), a qual se debruça sobre projetos memorialísticos desenvolvidos por meios de comunicação, colocados à disposição do público através da internet, e que também produzem conteúdo novo, através da rearticulação de sentidos e da reconstrução do passado. Entre estas experiências, estão o Memória Globo, Memória O Globo e o Acervo Estadão, projetos criados respectivamente pela Rede Globo de Televisão, pelo jornal O Globo e pelo jornal O Estado de São Paulo.

O objetivo da pesquisa é identificar os critérios de seleção e edição do passado memorável, isto é, como são escolhidos os acontecimentos jornalísticos que merecem retornar ao presente; identificar as rotinas de produção deste material e o quanto diferem ou se aproximam das rotinas de produção jornalística; problematizar a relação entre a memória dos veículos e sua produção de conteúdo e identificar o papel ideológico da produção de memória e da releitura dos fatos passados.

Para atingir tais objetivos, a pesquisa utiliza como metodologia a observação participante ou etnometodologia, como classificou Vizeu (2003, 2007).

---

testemunho obteve uma acolhida tanto acadêmica quanto midiática. (...) A história oral e o testemunho restituíram a confiança nessa primeira pessoa que narra sua vida (privada, pública, afetiva, política) para conservar a lembrança ou para reparar uma identidade machucada.” (SARLO, 2005, p. 19)

## 1. Jornalismo e tempo

Sexta-feira, 20 de março de 2015. No último bloco do telejornal RJTV Segunda Edição, o noticioso local vespertino no Rio de Janeiro da Rede Globo, a apresentadora Ana Luiza Guimarães anuncia uma nova série: Arquivo RJTV, que vai “recuperar reportagens e casos de destaque no RJTV e que não foram resolvidos” (GUIMARÃES, 2015). Na sequência, começa a reportagem sobre o caso Claudia Silva Ferreira, a auxiliar de serviços gerais morta por policiais num subúrbio carioca no dia 16 de março de 2014, cujo corpo foi arrastado pelo carro da polícia em uma das principais ruas do bairro. Durante 5’45” a reportagem, conduzida pela própria apresentadora, mescla imagens de arquivo a entrevistas realizadas no presente, atualizando o assunto. A notícia traz o passado para o destaque da pauta. Não há “fato novo”, para empregar um jargão das redações. Mesmo assim, o tema se torna pauta, contrariando a concepção segundo a qual notícia é novidade, algo que acontece no tempo presente..

Otto Groth, no início do século XX, considerava que a atividade jornalística obedece a quatro categorias – periodicidade, universalidade, atualidade e publicidade (no sentido de publicizar). Por atualidade, ele compreendia a característica de o jornal informar sobre o que é atual, presente, momentâneo, novo.

Além do aspecto da velocidade de produção e do atendimento ágil às regras de funcionamento de uma redação jornalística, Paul Weaver (1993, p. 295) sublinha a importância de uma “dupla contemporaneidade” – o presente como “assunto” e o presente como a perspectiva no tempo em que é descrito. O fator tempo define o jornalismo como relatos atuais sobre acontecimentos atuais.

Nesse sentido, o jornalismo fala do agora, do instante, do que está em desenvolvimento neste exato momento, sendo que o tempo dessa fala também está ocorrendo. É uma delimitação quase cirúrgica do real, pretendendo-se extremamente precisa, em busca do aprisionamento do momento em si, da exatidão do acontecimento, quando ele acontece e é imediatamente relatado pelo jornalismo (SANTA CRUZ, 2014).

Recordar, levantar o histórico de um acontecimento, puxar matérias antigas que ajudem a explicar um fato, que contextualizem uma notícia ou expliquem um evento são práticas corriqueiras no jornalismo e não representam, em si, um uso original da temporalidade.

A cultura jornalística valoriza o imediato e a velocidade e se situa dentro de um quadro mais amplo que envolve a própria mudança na concepção e na experimentação do tempo, características da sociedade moderna. A compressão temporal também acomete o jornalismo, trazendo com consequência o encurtamento do ciclo de produção das notícias, além de notícias cada vez mais rasas e pouco apuradas, geradas com pressa e na pressão.

Ao mesmo tempo, a experiência social do tempo vem sendo afetada diretamente pela estrutura e atuação dos meios de comunicação, em especial o jornalismo, defende Carlos Eduardo Franciscato. Para ele, o jornalismo atua de forma privilegiada como reforço de uma temporalidade social, enquanto produtor de formas específicas de sociabilidade. Mesmo que o jornalismo não seja o responsável pela criação do tempo, ele atua decisivamente na construção de um tipo específico de vivência social do tempo presente.

O tempo presente está, portanto, muito além de uma qualidade particular de um produto, mas se estabelece como um fenômeno social composto por práticas sociais, relações de sentido e atributos inscritos em produtos culturais. Estes elementos, de acordo com Franciscato, é que tornam a vivência do tempo presente uma experiência concreta, compreensível como um objeto social e dotado de um conteúdo com um sentido compartilhado.

O autor utiliza um percurso histórico para estudar a temporalidade no jornalismo, com o objetivo de entender como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. Franciscato se baseia em duas noções de tempo presente, uma referente à experiência direta das coisas e às ações humanas, equivalente ao tempo da experiência do ator ao agir no mundo; e outra referente à produção cultural realizada a partir da percepção de que vivemos o presente e necessitamos desenvolver recursos simbólicos para ordenar esta experiência. Para descrever os fenômenos

temporais imbricados na atividade jornalística, propõe cinco categorias: instantaneidade, simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública (FRANCISCATO, 2005). Três delas se aproximam das categorias de Otto Groth, que considerava que a atividade jornalística obedece a quatro categorias – periodicidade, universalidade, atualidade e publicidade (no sentido de publicizar).

Em seu artigo *Counting time: journalism and the temporal resource*, Keren Tenemboim-Weinblatt (2014) se indaga se podemos pensar no tempo não apenas como este agente que modela e restringe as notícias, mas como um recurso para os jornalistas, que se valem do passado e da memória como estratégias discursivas. Para ela, o campo dos Estudos da Memória aponta os vários usos do passado pelos jornalistas, desde trazer sentido aos acontecimentos atuais, aumentando seu valor-notícia, até estabelecendo a própria autoridade dos jornalistas, suas fronteiras e identidade. Por esta concepção, podemos considerar “o tempo em si como um objeto de representação e um tema de narrativa” (TENEMBOIM-WEINBLATT, 2014 p. 97).

Notícias, como uma forma não-ficcional de contar histórias, dependem intensamente de estratégias temporais. Jornalistas sempre se apoiaram em temas relacionados com o tempo e em recursos narrativos para manter a continuidade da história, o engajamento dos leitores e a visibilidade da notícia. Basta pensarmos na vinculação entre folhetim e jornalismo sensacionalista, para que esta relação se torne mais clara. Acontecimentos de longa duração se encaixam também nesta perspectiva, com o tempo se deslocando para ser a questão mais relevante ou sendo alçado à categoria de valor-notícia. Da celebração de aniversários a retrospectivas de final de ano, passando por simples analogias verbais e visuais conectando o passado e o presente, o jornalismo incorporou um endereçamento para tempos anteriores, perceptível por meio de uma ampla mostra de suas convenções e práticas.

Se o tempo passado se mostra, portanto, um elemento narrativo e discursivo fundamental para o jornalismo, resta pensar que rastros do passado vêm à tona nesse novo envelopamento temporal. Em outras palavras, o que o jornalismo lembra?

## 2. Memória em pauta

Como são tecidas as memórias do jornalismo? Não se trata de pensar na atividade rotineira do jornalismo de trazer o passado para compor temporalmente o presente. Aqui o que se pretende é analisar as iniciativas de rememoração e reapropriação da lembrança da atividade jornalística. Desde o final do século XIX, diversos veículos de comunicação brasileiros vêm se preocupando em resgatar sua própria história, ancorados na sua produção jornalística, ao mesmo tempo em que elaboram novos conteúdos sobre este passado.

A uma primeira vista, estas experiências envolvem práticas de coleta, armazenamento, tratamento, sistematização e disponibilização de informações distintas daquelas perpretadas pelo jornalismo através de seu núcleo produtivo central: a redação. São instâncias dentro das empresas jornalísticas mas em um primeiro momento não são idealizados para produzir notícias. Ao mesmo tempo, produzem, e alimentam o noticiário. Uma das hipóteses que esta pesquisa deseja averiguar é justamente a relação entre resgate e conservação da memória e produção de notícias.

O embrião destes movimentos é o Jornal do Brasil, na década de 1964, ao implantar um departamento de pesquisa que se valia do material guardado no arquivo do jornal para produzir novos conteúdos que tinham a função de apoio para a redação. Era um modelo já praticado pelos jornais norte-americanos, trazido para o diário carioca pelo jornalista Alberto Dines, então seu editor-chefe (DINES, 2009).

Embora tenha se mostrado um ferramental importante para a elaboração de um noticiário mais aprofundado e contextualizado, o Departamento de Pesquisa do Jornal do Brasil não gerou iniciativas semelhantes. Ao longo das três décadas finais do século XX, os veículos de imprensa criam áreas de pesquisa com a finalidade de guarda documental. A mudança de perspectiva se dá no início do século XXI, com a criação do Memória Globo, em 1999.

Mantido pela Rede Globo de Televisão, o objetivo do projeto é contar a história da rede e para isso desde o início utiliza um programa de história oral com os profissionais que passaram pela emissora. Até janeiro de 2016, já haviam sido tomados

quase mil depoimentos de profissionais que trabalharam na televisão ou no Grupo Globo, num total de cerca de 2.260 horas de gravação, conforme a criadora e coordenadora do projeto, a historiadora Sílvia Fiuza (informação verbal)<sup>3</sup>. Não se trata apenas da coleta de depoimentos. A partir deste material, a equipe do Memória Globo gera novos produtos, que vão desde perfis dos entrevistados até livros e publicações especiais. Em 2008, com a criação do site do projeto (<http://http://memoriaglobo.globo.com/>), parte deste conteúdo está disponível ao público, acrescido de *webdocs*, pequenos documentários que narram uma cobertura ou programa usando depoimentos mesclados com cenas e imagens dos programas da rede televisiva a que o entrevistado alude. Atualmente, muitos depoimentos já são agendados com o propósito de atenderem a um *webdoc* em produção. Em fevereiro de 2015, por exemplo, este foi o caso do depoimento do jornalista Leo Batista, 48 anos de emissora, que foi entrevistado para dar declarações sobre sua participação em outras olimpíadas, em vista do *webdoc* sobre o evento no Rio. O Memória Globo não está restrito à produção jornalística, mas compreende também conteúdos de entretenimento.

O uso intenso da internet também modificou a atuação do Acervo Estadão, pertencente ao jornal O Estado de São Paulo, um dos impressos mais antigos em circulação no país. Desde que adotou o endereço eletrônico <http://acervo.estadao.com.br/>, em maio de 2012, o jornal criou perfis em redes sociais como Facebook e Twitter para postar conteúdos referentes ao material do acervo, sempre em linha com o noticiário diário do jornal. Durante o Carnaval 2016, o Acervo publicou notícias sobre a folia em diferentes épocas, como por exemplo um post sobre os corsos na Avenida Paulista, em São Paulo, cujo título era “Famílias da aristocracia desfilavam em carros abertos em meio a 'guerras' de confete e serpentina #carnaval #estadaoacervo” (ACERVO ESTADÃO, 2016, s.p.). Embora não trabalhe com história oral, o Acervo tem como uma de suas diretrizes a produção rotineira de conteúdo novo, tomando como base o que já foi publicado pelo impresso (e, em alguns casos, até no jornal online). E faz isso seguindo critérios jornalísticos. Até a equipe funciona nos moldes de uma redação, inclusive com plantões nos finais de

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida por FIUZA, Sílvia. **Entrevista I** (set2015). Entrevistador: Lucia Santa Cruz. Rio de Janeiro, 2015. 1 arquivo .mp3 (60 min.).



semana e feriados, exatamente como acontece com as equipes do jornalismo diário da empresa.

O projeto de Memória do jornal O Globo é outro exemplo de recuperação da memória por meio da preservação da história do próprio veículo, como se pode ver pela autodescrição presente no site do projeto, sob o título *O que é memória?*

O projeto *Memória O Globo* foi criado para resgatar e preservar a história do jornal. Dividido em seções, este espaço fornece ao leitor ferramentas adequadas para a pesquisa de temas que, reunidos diariamente nas páginas do *Globo*, dão a dimensão do jornal como um organismo vivo, que se renova registrando fatos determinantes do dia a dia — sejam eles manifestações locais da comunidade, nem por isso desimportantes, ou grandes acontecimentos que marcam a sociedade, provocam mudanças no país e no mundo, alteram o curso da Humanidade. (MEMÓRIA O GLOBO, s/d)

Foi implantado em 1 de setembro de 2013, e já no lançamento apresentou um texto em que fazia um mea culpa sobre seu apoio ao golpe de 1964, reconhecendo o “erro” por ter colaborado editorialmente com os militares no movimento que derrubou o presidente João Goulart. Com esta atitude, o veículo demonstra claramente sua intenção de revisitar o passado, utilizando-se para isso de recursos fartamente empregados no jornalismo, como as efemérides e as datas comemorativas. Dos três projetos estudados, é o que tem a menor equipe, composta por dois jornalistas, cuja principal atribuição é serem o editor e o redator de Opinião do jornal. É, portanto, o único que não possui uma equipe dedicada. Só esta vinculação já mereceria uma avaliação mais atenta, pela relação estabelecida entre conteúdo memorialístico e opinativo. Embora também tenha um site, disponível em <http://memoria.oglobo.globo.com/>, sua atualização é mais lenta, contrastando com a produção semanal do Memória Globo e diária do Acervo Estadão. Em fevereiro de 2016, por exemplo, os três destaques da home eram os mesmos desde novembro de 2015. No mesmo veículo, existe também o Acervo O Globo, que parece ocupar a função de resgate da memória do veículo pela produção de novos conteúdos. Com um site próprio, o Acervo gera novas reportagens com valores jornalísticos, usando para isso notícias antigas do jornal como em “No carnaval dos anos 20 e 30, batalhas de confete, bailes e banhos de mar à fantasia” (ACERVO O GLOBO, 2016, s/p). Curiosamente, a matéria já é, ela mesma, uma atualização de textos do Acervo

produzido em 25/2/2014, num movimento contínuo e cíclico de recuperação e atualização do passado, numa permanente presentificação.

### 3. Estudos da memória

O conceito de memória coletiva surge em 1950 no livro póstumo de mesmo título do sociólogo francês Maurice Halbwachs. A memória coletiva representa uma virada nos estudos da memória, até então marcados por uma perspectiva subjetiva, individual ou psicológica, na linha das pesquisas de Henri Bergson. A obra defende que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Para Halbwachs, o fenômeno da recordação e da localização das lembranças não pode ser percebido e analisado se não forem levados em consideração os contextos sociais que servem de base para a reconstrução da memória. Ele adverte que memórias não podem ser consideradas reconstituições fiéis do passado, mas devem ser sempre percebidas como reconstruções: construções sociais, continuamente atualizadas e reconfiguradas.

Para o autor, a memória é o presente na medida em que é revivida com os materiais do que está na consciência presente do narrador: imagens, palavras, sentimentos e experiências atualizadas. O autor focaliza seus estudos nos quadros sociais da memória. A memória é um produto dos outros. Para ele, nós nos lembramos porque o mundo presente faz com que lembremos. Portanto, aposta na memória coletiva como expressão de um grupo e como um processo de coesão social.

Esta perspectiva alimenta o conceito de lugares de memória, cunhado pelo historiador francês Pierre Nora em 1978. Trata-se de espaços nos quais uma sociedade (seja uma nação, família, etnia, partido) consigna voluntariamente suas recordações, ou então as considera como uma parte necessária de sua identidade. São lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais, como os cemitérios ou a arquitetura; lugares simbólicos, como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais, como os manuais, as

autobiografias ou as associações. De acordo com o historiador, estes memoriais têm a história destes grupos.

Nora sinaliza a necessidade de criação de “santuários de memória” na contemporaneidade. O conceito indica que há lugares – espaços físicos ou não - onde as pessoas, os grupos sociais ou até mesmo uma sociedade inteira podem ancorar sua memória, face ao fenômeno da aceleração da história que faz com que o presente se torne cada vez mais volátil. Estes santuários de memória se tornam conhecidos como lugares de memória.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, atas, estabelecer contratos, porque essas operações não são naturais.

Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los, eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento de história, mas que lhe são devolvidos (Nora 1993, p. 13).

Outro autor que irá explorar a relação ente memória e identidade, o antropólogo francês Jöel Candau considera que a memória funcionaria como uma espécie de lugar de nutrição da identidade. A memória, ao mesmo tempo em que modela o sujeito, é também por ele modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade, que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa.

Mas o autor não se restringe a pensar este processo identitário apenas do ponto de vista individual. Ele afirma que o armazenamento da lembrança (*mise en mémoire*) do mundo supõe antes de mais nada sua ordenação, sua domesticação, em particular graças à estruturação do tempo. Sem os marcos temporais que são, principalmente, a origem e o acontecimento, nenhuma identificação é possível. Ele concorda com vários outros pensadores que a memória é uma reconstrução continuamente atualizada do passado. E é nesse processo que ocorre a passagem das formas individuais da memória e da identidade às formas coletivas.

O autor escolhe dialogar com os conceitos de memória coletiva, de Halbwachs, e de lugares de memória, de Pierre Nora. Chama a obsessão pelos lugares da memória de mnemotropismo, e considera que este fenômeno está diretamente relacionado com a crise das certezas do presente, o desaparecimento de referenciais, a crise das grandes narrativas e essencialmente a diluição das identidades.

Se Halbwachs aposta na memória coletiva como expressão de um grupo, o sociólogo austríaco Michael Pollak questiona este consenso. Para ele, a memória é um fenômeno construído socialmente, cujas funções essenciais são manter a coesão interna e defender os limites do que um grupo tem em comum. Para ele, as memórias são sempre enquadradas, a partir de perspectivas dos grupos, e são o fruto de lutas hegemônicas dentro da sociedade. Isso significa reconhecer que as memórias são também a expressão da versão prevalecente, legitimada pelo grupo social que a autoriza a circular. Pollak sublinha o caráter negocial da memória, os conflitos e tensões existentes entre memórias coletivas e individuais, e traz a questão do poder para o centro das operações memorialísticas. A outra face do processo de lembrança é o apagamento. Pollak sustenta que a memória é uma construção social feita de camadas de recordação e de esquecimento, com ambos os movimentos contribuindo para a cristalização do que deve ser lembrado.

Pollak demonstrou que as identidades se moldam sobre determinadas visões do passado, as quais servem como referência comum, para um grupo em particular, e fornecem coerência, no tempo, aos seus registros simbólicos. Podemos, portanto, considerar que a memória é um processo ordenativo, uma vez que produz sentido para indivíduos e grupos sociais. Os fatos são recuperados ou apagados no limbo da memória conforme são acionados pela importância que assumem para cada pessoa em especial. Ele explora este aspecto mais intensamente no segundo artigo, quando aborda os procedimentos de história oral e comenta como na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis, ainda que admitamos o caráter recriador da memória, especialmente no âmbito individual. Para ele, a existência destes marcos invariantes um indicativo de que estes pontos são tão relevantes para a pessoa que se cristalizam.

Também neste artigo Pollak trata dos elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva. Segundo ele, em primeiro lugar, a memória se constitui pelos acontecimentos vividos pessoalmente; em segundo, pelos acontecimentos "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. Além dos acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens, tanto aquelas conhecidas diretamente quanto as indiretamente. Temos então outro conceito que o autor aponta, a existência de rastros significativos que uma pessoa, um grupo ou uma nação vai deixando em suas experiências de vida e que se tornam pontos de referência para qualquer estudo histórico. Principalmente quando os rastros, muitas vezes esquecidos ou ignorados, revelam interpretações distintas da oficial.

Pollak considera que “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”. Desse modo, a memória, tanto individual quanto coletiva, é seletiva e realiza a organização das lembranças, atuando como uma (re) construção do passado, que não foi de um indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido dentro de um contexto social específico, sobre o qual exerce influência e pelo qual é influenciado, num processo dialógico.

Jornalismo poderia ser considerado um exemplo primário do que Halbwachs chamou de um enquadramento social da memória. Tanto a memória autobiográfica quanto a memória histórica dos indivíduos é moldada de diferentes formas pelo jornalismo.

Halbwachs acreditava ser difícil dizer, num distanciamento temporal, se o que alguém lembra é o que realmente experimentou ou se o que ele rememora incorporou materiais e eventos intervenientes. Olick considera que a memória de eventos públicos é portanto em última instância inseparável da cobertura jornalística que receberam. Provavelmente o exemplo mais expressivo disso seja o que as pessoas lembram a respeito dos atentados do 11 de setembro nos Estados Unidos. Em grande parte, as memórias dos acontecimentos daquele dia estão diretamente relacionadas com as

imagens transmitidas mundialmente pelas televisões dos dois aviões se chocando com as torres gêmeas na cidade de Nova Iorque.

#### 4. *“Quando a notícia vira acervo ai é que ela tem valor”*

Esta pesquisa se propõe no âmbito do campo do Jornalismo, e para tanto se apoia nas Teorias do Jornalismo para analisar seu corpus, notadamente naquelas que se fundamentam no paradigma teórico do construcionismo social, como é o caso do newsmaking, do enquadramento e do agenda setting.

Inserida neste paradigma teórico, a pesquisa buscará compreender como se dá a produção do material memorialístico por parte dos três dispositivos já elencados anteriormente. Não se trata, portanto, de uma pesquisa que visa desenvolver uma análise de conteúdo, mas as condições de produção deste conteúdo.

Partindo deste pressuposto, como método, este projeto prevê a observação participante e entrevistas, no rastro de outras pesquisas desenvolvidas no âmbito do newsmaking (Tuchman, 1978, Vizeu, 2003). Isto implica um trabalho de campo, compreendendo visitação às redações de produção dos sites dos projetos de memória, observação direta e entrevistas com as equipes responsáveis. Vizeu defende que a abordagem etnográfica “ permite uma observação coerente e consistente sobre as práticas sociais que resultam em produções culturais” (2007, p.234). Este pesquisador chama seu método para a observação participante no dia a dia das redações de “etnojornalismo, observação sobre as práticas jornalísticas que resultam num produto chamado notícia” (Vizeu, ibidem). O trabalho de campo previsto neste projeto busca, através da observação e das entrevistas, verificar se existem práticas jornalísticas na geração de conteúdo por parte dos projetos de memória jornalística.

Para este artigo, vamos aprofundar a análise em torno do Acervo Estadão, que foi objeto de observação em duas diferentes ocasiões – dois dias em outubro de 2015 e dois dias em março de 2016.

O Acervo nasceu como arquivo, simultaneamente com o jornal O Estado de São Paulo, em 1875, como um espaço de guarda dos exemplares produzidos na casa. Como conta seu coordenador, que no jornal é nomeado como editor, Edmundo Leite

(informação verbal)<sup>4</sup>, desde o começo o veículo se preocupava em manter duas cópias de cada exemplar do veículo. Esta coleção está encadernada e foi preservada mesmo depois que o Estadão iniciou a digitalização do material, em 2012.

Também vem do século XIX uma preocupação em criar registros por assuntos e palavras. Atualmente são 57 mil assuntos e personalidades distribuídos em pastas de conteúdos e clippings de matérias. Grande parte deste material foi organizada pelo ilustrador do jornal Armando Augusto Bordalo, que foi chefe do então arquivo, e criou um índice remissivo. Este trabalho é a base do banco de dados que hoje alimenta o Acervo Estadão, por meio de *tags*.

A digitalização tinha como objetivo estabelecer um sistema de busca de conteúdo para a redação. “Mas o Estadão resolveu ir além. Vamos produzir conteúdo. Vamos ser uma referência de acervos digitais, inclusive de conteúdos de outros jornais e instituições”, relatou Leite (informação verbal)<sup>5</sup>. Foi assim que o jornalista, que ingressou no jornal em 1996 para trabalhar no Portal do Estadão on-line, tornou-se editor do Acervo.

Eu quero é mostrar que o Acervo é atividade fim do jornal, não é um centro cultural, mas que sua atividade impacta diretamente a redação. Acervo não é saudosismo, é atividade-fim e sempre foi. Mesmo quando tinha o nome de arquivo, era para prover a redação de conteúdo. Na verdade, quando a notícia vira acervo aí é que ela tem valor. (LEITE, informação verbal)<sup>6</sup>

Quando a notícia, que é marcada pela atualidade, pelo caráter temporal e portanto efêmero, ganha status de guarda é que ela adquire valor? Esta concepção encontra ressonância no conceito de lugares de memória de Nora – na valorização do que precisamos guardar para não esquecer, lutamos contra a ideia do efêmero, do transitório. Se a notícia foi tão importante, se a notícia merece ser conservada – aí ela ganha uma relevância que a faz emergir e se destacar entre tantas outras produções jornalísticas.

Os lugares de memória se alimentam da percepção que não há memória espontânea. Por isso, é necessário não apenas coletar dados e informações sobre um

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida por LEITE, Edmundo. Entrevista I (out2015). Entrevistador: Lucia Santa Cruz. São Paulo, 2015. 1 arquivo mp3 (90min).

<sup>5</sup> Ibidem.

<sup>6</sup> ibidem

grupo social, mas também organizar momentos de celebração e exposição desta memória encapsulada. Na perspectiva do Acervo Estadão, isso se faz por meio de uma ação eminentemente jornalística.

Mexendo em algumas fotos dispostas sobre uma mesa de reunião na editoria do Acervo, o editor pega uma do cantor brasileiro Wilson Simonal com o cantor norte-americano James Brown, em visita a São Paulo em 1988, e comenta que ninguém tem aquela foto.

Isso é notícia, é conteúdo. Ninguém tem. Fotos históricas. Quando cheguei, transformei o Acervo em editoria. É uma equipe multidisciplinar, mas tem que ter cabeça de jornalista (LEITE, informação verbal)<sup>7</sup>.

A definição de “cabeça de jornalista” não é explicitada claramente nem pelo editor nem pelo supervisor de produção de conteúdo, Carlos Eduardo Entini, embora ela seja necessária para identificar o que é relevante. “Pelo feeling” (informação verbal)<sup>8</sup> Um desses critérios parece ser o de personalidades, bastante utilizado no jornalismo contemporâneo como um valor-notícia. Também jornalista, Entini para o jornal depois de uma experiência no Acervo Abril. Ele arrisca dizer que

jornalismo é contar história, nem que seja contar de novo. Cada vez que conta, acrescenta alguma coisa. O contexto é a visão jornalística. Tudo [aponta para a coleção de jornais dos 140 anos do Estadão] está esperando por um contexto, já está pronta [sic] para tomar um novo contexto (ENTINE, informação verbal)<sup>9</sup>.

O Acervo Estadão tem um site próprio, e na home do jornal dispõe de uma “caixa” (seções permanentes de diversas editorias, dispostas na lateral esquerda da página inicial do site do Estadão). Diariamente, a equipe formada por nove pessoas produz conteúdo para alimentar sua própria página e para a caixa do jornal. Além disso, também são alimentados o Instagram e uma página no Facebook. Esta produção é toda

<sup>7</sup> Entrevista concedida por LEITE, Edmundo. Entrevista I (out2015). Entrevistador: Lucia Santa Cruz. São Paulo, 2015. 1 arquivo mp3 (90min).

<sup>8</sup> Entrevista concedida por ENTINE, Carlos Eduardo Entrevista II (out2016). Entrevistador: Lucia Santa Cruz. São Paulo, 2015. 1 arquivo mp3 (60 min).

<sup>9</sup> Entrevista concedida por ENTINE, Carlos Eduardo Entrevista III (mar2016). Entrevistador: Lucia Santa Cruz. São Paulo, 2016. 1 arquivo mp3 (45 min).



calcada em material do acervo, já produzido anteriormente pelo próprio veículo, e ressignificado por novas associações, recortes, edições e links.

A redação produz séries como a dos prédios de São Paulo, composta de anúncios imobiliários de mais de 100 edifícios da cidade; ou ainda “Como era São Paulo sem”, que retrata regiões paulistanas sem algumas obras emblemáticas, como o Viaduto do Chá ou o Ibirapuera. Nestas escolhas, ecoa a visão de Candau, para quem a memória nutre a identidade. Várias séries produzidas pelo Acervo trabalham com a identidade do paulistano, do morador da cidade, da urbanidade. Há, portanto, um reforço identitário ou mesmo tempo em que há uma nostalgia do passado envolvida. “O charme da pátina do tempo”, diz Entine (informação verbal)<sup>10</sup>.

Há, claramente, um processo de seleção da informação. Assim como se escolhem os fatos numa redação de hardnews, seguindo critérios noticiosos, isso também ocorre no Acervo Estadão, na triagem das memórias, reforçando o que diz Pollak, quando aponta que a recordação é resultado de uma organização, baseada em lembranças mas principalmente de esquecimentos.

### **Considerações finais**

Os projetos de resgate e recuperação da memória de alguns veículos de comunicação brasileiros não são meros repositórios ou instâncias de guarda do passado. Produzem conteúdo novo, mesmo que o novo já seja conhecido – e velho. E o produzem seguindo critérios essencialmente jornalísticos. O que pode parecer uma antítese do jornalismo, pensado pelos critérios de novidade e atualidade, se explica quando entendemos o tempo como um elemento discursivo e narrativo. Sem esta ancoragem na memória, o jornalismo perderia seu fio condutor narrativo.

O jornalismo é uma parte central e não apenas um registro da memória coletiva. Não apenas grava o que está acontecendo, não apenas armazena um arquivo do que passou. Ele funciona como um lugar de memória, onde a própria cultura se instala,

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida por ENTINE, Carlos Eduardo Entrevista II (out2015). Entrevistador: Lucia Santa Cruz. São Paulo, 2015. 1 arquivo mp3 (60 min).

incluindo a manifesta e a latente, a real e a potencial, o passado que não irá passar. Na contemporaneidade, não existe memória coletiva que não seja em parte jornalística.

A prática do jornalismo envolve tanto a memória social quanto a individual. O jornalismo constitui um arquivo da memória social que providencia um registro imediato, implicado nas formas de comemoração e que age como um lugar de memória. (OLICK, 2014). A recolocação em circulação de conteúdos que já haviam sido produzidos pelos próprios veículos midiáticos, num processo de realimentação que a princípio parece inesgotável, uma vez que cada jornal, televisão, emissora de rádio, revista já contém, armazenada em sua capacidade produtiva, os meios, os formatos e as informações para a produção de novos passados presentificados.

Devemos especificar como o jornalismo relembra e também porque ele relembra, além de investigar por que ele relembra do modo como faz. Isso implica em não recortar as práticas jornalísticas do seu contexto histórico, político, econômico e social.

Jornalismo, como a memória, mas de modo distinto da História, é falível e efêmero, e frequentemente não corrigido tão cuidadosamente como os historiadores gostariam. Jornalismo, na verdade, é temporário por definição. No final das contas, quem além de um historiador iria ler um jornal velho? (OLICK, 2014 p. 23)

Nesse sentido, os projetos de memória jornalística analisados neste artigo sinalizam de que modo o jornalismo funciona como um lugar de memória na contemporaneidade, construindo identidade, tecendo a memória coletiva e a individual, num processo ordenativo, como apontou Pollak, para quem a memória uma construção social feita de camadas de recordação e de esquecimento, as quais contribuem igualmente para a cristalização do que deve ser lembrado. Ao produzir novos conteúdos “direto do baú do tempo”, estes projetos consolidam o que deve ser memorável ao mesmo tempo em que redefinem o que deve ser considerado como novo.

## Referências

ACERVO ESTADÃO. Disponível em < <http://acervo.estadao.com.br/>>, acesso em 5out2014

ACERVO ESTADÃO. Famílias da aristocracia desfilavam em carros abertos em meio a 'guerras' de confete e serpentina #carnaval #estadaoacervo. Disponível em <<https://www.facebook.com/arquivoestadao/?fref=ts>>. Acesso em 7fev2016.

ACERVO O GLOBO. No carnaval dos anos 20 e 30, batalhas de confete, bailes e banhos de mar à fantasia. Disponível em <<http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/no-carnaval-dos-anos-20-30-batalhas-de-confete-bailes-banhos-de-mar-fantasia-11705604>>. Acesso em 6fev2016.

BERGER, Christa. Jornalismo e Memória e Ditadura. In: VI SOPCOM - IV Congresso Ibérico, 2009, Lisboa. Anais do 6º Congresso Sopcom/4º Congresso Ibérico. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2009. Disponível em <[http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom\\_iberico/sopcom\\_iberico09/paper/viewFile/395/390](http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/395/390)>, acesso em 19jun2015.

CANDAU, Joel. Mémoire et identité. Paris: PUF, 1998.

CASADEI, Eliza Bachega. Para além do presente: a inserção do passado nas reflexos sobre o

DINES, Alberto. O papel do jornal e a profissionalização de jornalista. 9ª edição São Paulo: Summus Editorial, 2009.

FIUZA, Sílvia. Entrevista I (set2015). Entrevistador: Lucia Santa Cruz. Rio de Janeiro, 2015. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. A fabricação do presente. São Cristóvão: UFS, 2005.

GROTH, Otto. Tarefas da pesquisa da ciência da cultura. MAROCCO, B.; BERGER, C. (Orgs.) A Era Glacial do Jornalismo: teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Sulina. v. 1 (2006).

GUIMARÃES, Ana Luiza. [Caso Claudia: morte da vítima que foi arrastada na rua por carro da PM completa um ano]. Rio de Janeiro, março de 2015. Reportagem exibida no telejornal RJTV 2ª edição da TV Globo em 20 de março de 2015. Disponível em <http://globoTV.globo.com/rede-globo/rjtv-2a-edicao/t/edicoes/v/caso-claudia-morte-da-vitima-que-foi-arrastada-na-rua-por-carro-da-pm-completa-um-ano/4050930/>, acesso em 20mar2015.

HALBAWCHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

HUYSSSEN, Andreas Mídia e discursos da memória. Entrevista de Moreira, Sonia Virgínia e Moreno, Carlos A. de Carvalho Moreno. In Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. Nº 1- 2004: Intercom, p-97-104.

HUYSSSEN, Andreas, “Medios y memoria” en Feld, Claudia y Stites Mor, Jessica (comp.) El pasado que miramos, Editorial Paidós, Buenos Aires, 2009.

HUYSSSEN, Andreas. Culturas do passado-presente. Modernismos, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto/Museu de Arte Moderna, 2014.

HUYSSSEN, Andreas. Seduzidos pela Memória. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MAROCCO, B.; BERGER, C. (Orgs.) A Era Glacial do Jornalismo: teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Sulina. v. 1 (2006).

MEMÓRIA GLOBO. Disponível em < <http://memoriaglobo.globo.com/>>, acesso em 19mar2015.

MEMÓRIA JORNAL O GLOBO. Disponível em <<http://memoria.oglobo.globo.com/>>, acesso em 20mar2015]

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Khoury. Projeto História, São Paulo: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, n.10, p.7-28, dez. 1993.

- NORA, Pierre. Les lieux de mémoire. Paris, Gallimard, 1984
- O GLOBO. Jornal recupera e relata seus 88 anos de história. Rio de Janeiro, 1/9/2013. P.14.
- O GLOBO. Apoio ao golpe de 64 foi um erro. Rio de Janeiro, 1/9/2013, p. 15.
- OLICK, Jeffrey. Reflections on the underdeveloped relations between Journalism and Memory Studies. In ZELIZER, Barbie & TENENBOIM-WEINBLATT, Karen. Journalism and Memory. Memory Studies. London: Palgrave Macmillian, 2014
- POLLAK, Michel Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-25, 1989.
- POLLAK, Michel. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- SANTA CRUZ, Lucia. Pedagogia do jornalismo: narrativa e responsabilidade social na tela da tv. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, Año IX – vol.9 nº 2 – Edição 17 p. 216-226, 2013
- SANTA CRUZ, Lucia . Memória e comunicação organizacional: interfaces. Organicom (USP), v. 11, p. 177-188, 2014.
- SANTA CRUZ, Lucia . Estado da arte da pesquisa brasileira em comunicação sobre memória organizacional. Comunicologia (Brasília), v. 6, p. 113-144, 2014.
- SANTA CRUZ, Lucia. O repórter como historiador do tempo presente. In PEREIRA, Carlos Alberto Messeder, ASSIS, Francisco de e ANTONIOLI, Maria Elisabete. Desafios do Jornalismo: novas demandas e formação profissional. Curitiba: Appris, 2014.
- TOTINI, Maria Elizabeth. A memória como instrumento de gestão empresarial. [São Paulo: Aberje. s.d.]. Disponível em: <[http://www.Aberje.com.br/novo/acoes\\_artigos\\_mais.asp?id=32](http://www.Aberje.com.br/novo/acoes_artigos_mais.asp?id=32)>. Acesso em: 11 maio de 2012
- TENEMBOIM-WEINBLATT, Keren. Counting time: journalism and the temporal resource. In ZELIZER, Barbie & TENENBOIM-WEINBLATT, Karen. Journalism and Memory. Memory Studies. London: Palgrave Macmillian, 2014
- VIZEU, Alfredo. O newsmaking e o trabalho de campo. In LAGO, Cláudia e BENETTI, Marcia. Metodologia de pesquisa em jornalismo. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 2007.
- VIZEU, Alfredo. Decidindo o que é notícia : os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre: Editora da PUC-RS, 2003